

Militares da Presidência foram a atos golpistas diante de quartel



Soldado se abriga do sol na sombra da rampa presidencial do Palácio do Planalto. Gabriela Bilo - 17.jan.23 /Folhapress

# Militares que trabalhavam na Presidência foram a atos golpistas diante de quartel

Dossiê aponta que integrantes da Marinha, Exército e Aeronáutica foram a QG; citados negam apoio a movimentos antidemocráticos

Ranier Bragon e Victoria Azevedo

**BRASÍLIA** Um relatório em posse do Ministério da Justiça identifica ao menos oito militares da ativa lotados na Presidência da República durante o governo de Jair Bolsonaro (PL) que compareceram a atos no acampamento golpista em frente ao quartel-general do Exército, em Brasília.

O documento mostra que alguns participaram de grupo de WhatsApp em que se trocavam e compartilhavam mensagens antidemocráticas e ameaças ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O relatório foi produzido na transição de governo com base em conversas obtidas de grupos de WhatsApp. Os militares estavam alocados em especial no GSI (Gabinete de Segurança Institucional) da Presidência na gestão do general Augusto Heleno, um dos principais aliados de Bolsonaro.

Alguns deles confirmaram à **Folha** a ida ao acampamento, mas disseram que foram sem farda e negaram que tenham se manifestado politicamente ou apoiado posições antidemocráticas e violentas.

Dois deles tiveram a dispensa da Presidência publicadas no Diário Oficial da União desde quinta-feira (19).

Segundo o dossiê, várias trocas de mensagens, áudios, vídeos e fotos mostram que esses militares encorpavam os atos antidemocráticos em frente ao QG do Exército. Pelo menos um afirmava intenções violentas contra petistas.

Após a derrota de Bolsonaro, a área em frente ao quartel-general se transformou em base de bolsonaristas inconformados com o resultado das eleições, que pediam golpe das Forças Armadas para impedir a posse de Lula.

O acampamento abrigou bolsonaristas envolvidos em ao menos três episódios violentos: além do ataque de 8 de janeiro, a tentativa de invasão ao prédio da Polícia Federal e depredações em 12 de dezembro e a instalação de uma bomba perto de um caminhão de combustível.

Após tentativas bloqueadas pelo Exército, o acampamento foi esvaziado pela PM do Distrito Federal em 9 de janeiro, por ordem do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal).

Em um dos grupos de mili-

tares, integrantes da própria segurança pessoal do então presidente Bolsonaro aparecem, sem farda e geralmente com camisa da seleção brasileira de futebol, em fotos no QG. Eles encorajaram outros colegas a irem ao local após o expediente com suas famílias.

O dossiê cita ainda um vídeo curto postado num grupo de mensagens em que uma imagem de Lula discursando é colocada na mira de um atirador de elite, sugerindo que o presidente fosse abatido no dia 1º de janeiro, data da posse.

Uma foto postada nos grupos mostra o major Alexandre Nunes, apontado como sendo do Exército, o sargento da Marinha Márcio Valverde e um identificado como sargento Azevedo, da Aeronáutica.

Sobre Nunes, o dossiê aponta a existência de informes sobre sua atuação com representantes diplomáticos. Ele teria dito a essas pessoas que Lula não subiria a rampa. Valverde era da segurança presidencial e foi nomeado em 2020 como assistente no GSI.

Outro que aparece é Ronaldo Ribeiro Travasso. O militar da Marinha estava no GSI quando foi aos atos no acampamento. Como revelou a **Folha**, ele disse que daria um tiro na cabeça do próprio irmão se este fizesse o L — gesto característico dos eleitores de Lula.

Da Marinha, os outros citados no documento são Estevão Soares, Thiago Cardoso, Marcos Chiele e Fernando Carneiro Filho.

“Não tô falando isso de brincadeira, não, é sério. Quem faz o L é terrorista. Tem que morrer mesmo, ou mudar ou morrer, porque não tem jeito uma pessoa dessa”, diz Travasso em resposta a uma mensagem postada e depois apagada por Estevão.

Nesta quinta-feira, o Diário Oficial trouxe a dispensa de Chiele e Valverde.

O 1º sargento da Marinha Thiago Cardoso afirma que é cristão, que como cidadão tem até críticas a Bolsonaro e que não participou de manifestação política ou antidemocrática. Alega ter participado de orações pelo país nas vigílias realizadas em frente ao quartel.

“Não fui fardado e em nenhum momento me pronunciei ou me manifestei. Foi como um cidadão cristão que defende valores e direitos para fazer orações e conversar

**GOVERNO DISPENSA MAIS 9 DO GSI**  
O governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) dispensou mais nove militares do GSI (Gabinete de Segurança Institucional) nesta quinta-feira (19). Desde o início da semana, já são 84 militares dispensados de postos no Palácio do Planalto, 38 deles do GSI. Os demais trabalhavam na parte administrativa ou no departamento de residência oficial, que cuida do Palácio da Alvorada. O processo de dispensa de militares do Planalto se intensificou após o ataque golpista do dia 8 de janeiro

com as pessoas. Não concordo com qualquer ilegalidade e jamais concordaria com qualquer prática criminosas. Posso falar em nome da maioria das pessoas que tive conhecimento de estar ali”, disse.

Segundo Cardoso — que afirmou ter pedido em novembro para sair de um cargo no Palácio da Alvorada, o que foi efetivado nesta semana —, a grande maioria no acampamento não pregava golpe.

“Não havia uma liderança ou alguém com planos de fazer alguma coisa. Percebi que as pessoas ali estavam ansiosas por informações no celular que legitimassem uma participação das Forças Armadas na defesa da democracia, porque não acreditaram na lisura do processo eleitoral.”

O militar da Marinha Estevão Soares afirmou que saiu do grupo de WhatsApp tão logo percebeu o desvio de finalidade e por não concordar com algumas postagens.

“De forma alguma concordo ou defendo qualquer postura antidemocrática ou de natureza violenta. Pauto-me pela disciplina, princípio e conduta ilibada e disciplinada que sempre tive como cristão e cumpridor das prerrogativas militares”, afirmou.

Soares disse que muito provavelmente esteve uma vez no acampamento no início de novembro, a pedido da mulher e filhos e sem motivação política, para participar de um grupo de oração e passar pela praça dos Cristais, onde o acampamento se instalou.

Travassos não se manifestou. Em contato anterior, disse que não comentaria suas falas e que não sabia se era ele mesmo nos áudios. A **Folha** não conseguiu contato com os demais citados.

A Marinha disse não ter sido notificada sobre servidores presos por envolvimento em atos antidemocráticos e apontou possibilidade genérica de sanções: “As providências são tomadas de acordo com o caso concreto, após conclusão de eventual processo administrativo disciplinar, com o exercício da ampla defesa e do contraditório, para, se for o caso, aplicação de sanções pertinentes”, afirmou.

Exército, Secretaria de Imprensa da Presidência e Ministério da Defesa não responderam. A Aeronáutica disse que só poderia se manifestar com o nome completo do militar.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Política **Caderno:** A **Página:** 4